

A PRÁTICA DE CAPOEIRA EM UM CAPS AD: UM RELATO DE PESQUISA

Stefania VALLADO¹

Flavia LIBERMAN²

Resumo

Este artigo apresenta um relato de pesquisa qualitativa que investigou a prática de capoeira como um dispositivo de cuidado em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (CAPS AD) localizado no município de São Paulo. Utilizando a abordagem cartográfica, a pesquisa foi conduzida por meio de encontros semanais do grupo de capoeira e produção de diários de campo após cada encontro, que serviram como análise de dados. Os resultados destacam a capoeira como uma prática afro-referenciada que promove cuidado em liberdade e territorial, conforme preconizado pelos princípios da Reforma Psiquiátrica brasileira. A pesquisa discute ainda o contexto político atual e a importância da abordagem de redução de danos em contraposição a medidas autoritárias de controle. Conclui-se que a capoeira, ao promover a descentralização do poder e possibilitar novas formas de atenção à saúde, emerge como uma estratégia essencial de promoção de saúde nos serviços de saúde mental.

Palavras-chave: Reabilitação psicossocial; Redução de danos; Álcool e Outras Drogas; Centro de Atenção Psicossocial; Capoeira.

1

CAPOEIRA PRACTICE IN A CAPS AD: A RESEARCH REPORT

Abstract

This article presents a qualitative research report that investigated the practice of capoeira as a care device in an Alcohol and Other Drugs Psychosocial Care Center (CAPS AD) located in the municipality of São Paulo. Using the cartographic approach, the research was conducted through weekly capoeira group meetings and the production of field diaries after each meeting, which served as data analysis. The results highlight capoeira as an Afro-referenced practice that promotes care in freedom and territory, as advocated by the principles of the Brazilian Psychiatric Reform. The research also discusses the current political context and the importance of the harm reduction approach in contrast to authoritarian control measures. It is concluded that capoeira, by promoting the decentralization of power and enabling new forms of health care attention, emerges as an essential strategy for health promotion in mental health services.

¹ Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), câmpus Baixada Santista, Santos, SP, Brasil. E-mail: stefania.vallado@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6345-2118>

² Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), câmpus Baixada Santista, Santos, SP, Brasil. E-mail: f.liberman@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8563-5993>

Keywords: Psychosocial rehabilitation; Harm reduction; Alcohol and Other Drugs; Psychosocial Care Center; Capoeira.

PRÁTICA DE CAPOEIRA EM UN CAPS AD: UN INFORME DE INVESTIGACIÓN

Resumen

Este artículo presenta un informe de investigación cualitativa que investigó la práctica de la capoeira como un dispositivo de cuidado en un Centro de Atención Psicosocial para Alcohol y Otras Drogas (CAPS AD) ubicado en el municipio de São Paulo. Utilizando el enfoque cartográfico, la investigación se llevó a cabo a través de reuniones semanales del grupo de capoeira y la producción de diarios de campo después de cada reunión, que sirvieron como análisis de datos. Los resultados destacan la capoeira como una práctica afro-referenciada que promueve el cuidado en libertad y territorio, según lo preconizado por los principios de la Reforma Psiquiátrica brasileña. La investigación también discute el contexto político actual y la importancia del enfoque de reducción de daños en contraposición a medidas autoritarias de control. Se concluye que la capoeira, al promover la descentralización del poder y permitir nuevas formas de atención médica, emerge como una estrategia esencial para la promoción de la salud en los servicios de salud mental.

Palabras-clave: Rehabilitación psicossocial; Reducción de daños; Alcohol y Otras Drogas; Centro de Atención Psicosocial; Capoeira.

2

INTRODUÇÃO

O cuidado em liberdade e territorial, conforme preconizado nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), requer uma abordagem dos profissionais alinhada aos princípios teóricos e práticos da desinstitucionalização, que visa alcançar os sujeitos em seus próprios territórios e promover ações que ultrapassem as fronteiras institucionais e o modelo centrado apenas no profissional médico. Atuar nessa perspectiva significa proporcionar acesso a espaços de trabalho, cultura, lazer, esporte e educação. Nesse contexto, a capoeira emerge como uma ferramenta de cuidado para usuários de substâncias psicoativas dentro de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (CAPS AD) situado no município de São Paulo.

Diante do atual cenário político e das tensões nesse campo, a direção ética política de escolher o cuidado em liberdade e no território, tendo os pressupostos da Reforma Psiquiátrica brasileira como eixos norteadores da prática de cuidado é uma aposta na potência vital que deve mover os trabalhadores no processo de construção contínua. Ao admitir cenários nessa direção de cuidado, partimos da afirmação de que há disputas políticas importantes no campo de álcool e outras drogas.

Vallado, S., & Liberman, F. (2024). A prática da capoeira em um CAPS AD: um relato de pesquisa. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 3, e024002.

A capoeira nessa pesquisa se consagra como uma prática de expressão existencialmente negra, cujo reconhecimento e protagonismo como uma atividade afro-referenciada são justificados, uma vez que é considerada um dos maiores símbolos de manifestação de cultura e resistência do negro no Brasil colonial, de acordo com De Sá Pinheiro e Leal (2022). Abordar a capoeira é incitar reflexões sobre suas diversas questões que entrelaçam relações sociopolíticas e históricas, emergindo como uma prática ancestral originada nas senzalas e, portanto, herdeira da diáspora africana no Brasil.

Ao longo do processo histórico da capoeira, vale lembrar que a mesma foi se constituindo em duas vertentes: a capoeira Angola e a capoeira Regional, trazendo distintas características. Posto isso, essa experiência foi conduzida com base na capoeira de vertente de Angola. Almeida (2020) vai dizer que a Capoeira Angola marca sua identidade por meio de um resgate étnico, que se baseia em elementos de ancestralidade africana.

Sobre o problema de pesquisa que foi construído durante o processo dessa dissertação surgiu, a partir do deslocamento pelo modo de olhar dos usuários de um CAPS AD diante de seus diferentes gingados, assim como, identificar as repercussões da capoeira como promoção de saúde. Diante de um serviço recém-inaugurado, com apenas dois meses de funcionamento, a equipe estava estruturando o que seria ofertado como proposta de cuidado diante das demandas daquele território. Assim, se inicia um grupo de práticas corporais e expressivas no CAPS AD, que a posteriori veio a ser o grupo de capoeira por sugestão dos próprios usuários.

O campo de álcool e outras drogas vive, no atual momento, tensões políticas que ameaçam o cuidado em liberdade de sujeitos que fazem uso prejudicial de substâncias psicoativas. Em termos da Política Nacional de Saúde Mental, apoiada na referida Lei nº 10.216 (Brasil, 2001), o Ministério da Saúde, somente em 2002, regulamentou o acompanhamento de pessoas que fazem uso substâncias psicoativas no Brasil no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio das portarias nº 336/GM e nº 816/GM (Brasil, 2002), estabelecendo um modelo de saúde mental aberto e de base comunitária, tendo como referência os CAPS AD. Essa regulamentação iniciou uma mudança no cenário de atendimento a pessoas que fazem uso de drogas no Brasil, antes atendidos principalmente em hospitais psiquiátricos. Esse dispositivo de saúde foi proposto para prestar atendimento especializado, individual e multiprofissional à população de usuários de álcool e outras drogas, atendimento em grupo, atendimento para famílias e atividades no território (Brasil, 2002).

Na perspectiva da Reforma Psiquiátrica brasileira, a expansão do cuidado às pessoas que fazem uso prejudicial de substâncias e a valorização das conquistas do cuidado no território de origem e em liberdade, exigem dos serviços e equipes de saúde mental esforços no que se refere às mudanças das concepções reducionistas provenientes de políticas hegemônicas criminalizantes de origem proibicionista e de um entendimento biológico e bioquímico da vida humana, promotores da lógica da abstinência como única abordagem a considerar como forma de cuidado. A produção de cuidado no campo da saúde mental, sob

a perspectiva antimanicomial, às pessoas com experiência de sofrimento que se expressa pelo uso de substância psicoativa é questão discutida consideravelmente nos dias atuais. A mídia apresenta um cenário em torno da “epidemia do *crack*” produzindo um circo midiático.

Observamos a mídia exaltar internações compulsórias, que de acordo com Cruz Chiabotto et al. (2022), retrocedem em relação aos avanços do cuidado em liberdade e no território, violando os direitos humanos e indo na contramão dos princípios da Reforma Psiquiátrica brasileira. O controle e a fiscalização das internações voluntárias e involuntárias, previstas na Lei nº 10.216 (Brasil, 2001), demonstram que não se pode aceitar internações involuntárias e/ou compulsórias como estratégia principal para o cuidado de uso prejudicial de substâncias psicoativas.

Em contraposição a esse modelo autoritário das medidas de internação compulsória como forma de cuidado de pessoas que consomem substâncias, a redução de danos aparece como uma estratégia de saúde pública alternativa àquelas que exigem que suas ações sejam baseadas em um modelo de doença com o viés moral/criminal em relação ao uso de substâncias (Maximino & Almeida, 2023). Ainda que a redução de danos como perspectiva de cuidado venha ganhando espaço nos últimos anos como alternativa para as diretrizes de políticas públicas relacionadas às drogas, o debate público ainda é fortemente pautado pelo proibicionismo.

Ao longo dessa experiência começaram a reverberar em meu corpo algumas questões sobre o que é atuar como trabalhadora da saúde em uma sociedade que em tantos aspectos está adoecida. De um adoecimento que de diversas maneiras sociais atravessa todos nós, surgem questionamentos sobre quais modos de existir são potentes em um contexto de promoção de saúde para além dos moldes biológicos e higienistas, que oferecemos ou se podem oferecer aos sujeitos como alternativa à loucura ou ao uso prejudicial de substâncias psicoativas.

Como acessar o campo de variação dos acontecimentos singulares, que antecede as formalizações que produzem o sujeito em posições estigmatizantes, como de louco, doente, drogado, perigoso? Como possibilitar brechas nas quais se possa permitir desconstruir esses papéis identitários e dar lugar a corpos potentes não estigmatizados?

O controle e a normatização dos corpos de pessoas que usam drogas no campo da saúde mental acionam lógicas racistas e práticas higienistas e manicomiais sob a justificativa de cuidado. Atualmente, observamos um cenário de retrocesso no qual se tem como centralidade a internação, a patologização e a medicalização como forma de “tratamento” das vulnerabilidades sociais. O discurso midiático baseado no medo e no ódio à população jovem, negra e periférica reforça o estigma das pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas. Foi justamente na direção contrária que essa pesquisa percorreu, tensionando a ampliação dos mecanismos de encarceramento e repressão a determinados segmentos não desejados na sociedade: negros, jovens e da periferia.

A capoeira nos serviços de saúde ocorre por meio da interface arte, saúde e cultura.

Compreendendo e abarcando a imensa complexidade em torno da capoeira, a pesquisa teve a delicadeza de não alinhar essa prática a um único discurso, mas sim trazer nesse gingado seu caráter de expressão corporal existencialmente negra, e de resistência, para que assim se possa discutir um tema pouco explorado dentro dos serviços de saúde mental. Mesmo que hoje a capoeira seja reconhecida como patrimônio cultural imaterial, tendo sua conquista e reconhecimento no ano de 2014 pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), para De Sá Pinheiro e Leal (2022), a capoeira enfrentou a discriminação e o preconceito por vários séculos.

A vivência na capoeira pode envolver experiências que possibilitam a ampliação de diferentes habilidades, como espontaneidade, expressividade, ritmo, resistência, destreza corporal, presença, prontidão e improviso. Além das habilidades corporais, de acordo com Alves e Seminotti (2006), a capoeira pode potencializar relações, interações, interlocuções e socializações entre diferentes sujeitos.

Nessa perspectiva, para além de uma atividade corporal e expressiva, a capoeira pode ser um considerável potencializador das tão essenciais práticas em promoção de saúde. Como discorrem Buss et al. (2020), falar de promoção de saúde no Brasil é exercitar nosso compromisso ético com o cuidar da saúde de sujeitos e coletivos. É também indicar como a promoção de saúde pode auxiliar a provocar outros modos de atenção à saúde, de criação do viver e de outras realidades – saúde entendida nesta escrita em seu conceito ampliado, não apenas como ausência de doença.

Assim, a pesquisa buscou identificar de forma geral as repercussões da capoeira como estratégia de cuidado e promoção de saúde para usuários de um CAPS AD. Como objetivos específicos, buscou-se refletir sobre a capoeira como possibilidade de ampliação de trocas sociais e discutir a importância dessa prática no cuidado de pessoas que fazem uso prejudicial de substâncias psicoativas.

5

GINGADOS METODOLÓGICOS

Esse artigo apresenta uma narrativa acerca de uma dissertação de mestrado, que teve como abordagem metodológica as diretrizes do método cartográfico, se configurando como uma pesquisa qualitativa. Conforme descrito por Passos e Barros (2015), o método cartográfico na pesquisa tem como objetivo rastrear os efeitos tanto sobre o objeto de estudo quanto sobre o pesquisador, além de acompanhar a experiência de produção de conhecimento ao longo do próprio processo investigativo. Segundo Kastrup (2007), a abordagem cartográfica busca acompanhar um processo em vez de simplesmente representar um objeto.

Os grupos de capoeira foram realizados semanalmente de outubro de 2019 a novembro de 2020, ocorreram cerca de 60 grupos ao longo desse um ano e um mês, sempre às quartas-feiras, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos cada encontro, no

CAPS AD situado na Zona Leste do município de São Paulo. Por se tratar de um grupo aberto, apesar de ter um coletivo de pessoas que eram assíduas, cada encontro contava com um participante novo. Para quantificar o número de pessoas, foi utilizado lista de presença.

Quanto ao espaço físico, diferentes áreas de convivência do CAPS AD foram utilizadas, havendo ocasiões em que os encontros ocorreram na área externa do serviço devido ao grande número de participantes. O grupo de capoeira fazia parte das atividades oferecidas pelo serviço como parte do projeto de cuidado para os usuários frequentadores do CAPS AD. Qualquer usuário interessado na prática podia integrar o grupo. Os coordenadores eram um usuário mestre de capoeira e a pesquisadora, que fazia parte da equipe multiprofissional do serviço. Cerca de 20 usuários participaram de cada grupo realizado.

O perfil dos usuários que frequentaram o grupo era predominantemente de adultos, com idades entre 25 e 40 anos, autodeclarados negros, e que faziam uso principalmente de álcool e cocaína como substâncias de preferência. Todos os participantes se identificavam como do gênero masculino, o que ocorreu devido à demanda predominante de homens que buscavam atendimento no CAPS AD onde a pesquisa foi realizada.

Como método de coleta de dados, a pesquisadora registrou cerca de 56 diários de campo após cada encontro com o grupo. Esses diários foram mantidos em um caderno, onde foram coletadas, selecionadas e registradas as impressões subjetivas, diálogos e cenas observadas. Conforme destacado por Domingues e De Azevedo (2019), o diário de campo permite a construção de uma narrativa que emerge da experiência individual, porém, transforma-se em uma escrita compartilhada, influenciada pela presença de todos os envolvidos na vivência.

O processo de análise se desenvolveu a partir da reflexão da pesquisadora ao revisar os 56 registros dos diários de campo feitos ao término de cada encontro. Sensações, eventos expressos e frases marcantes dos usuários, que foram anotados nos diários de campo ao longo dos encontros do grupo, desempenharam um papel significativo na análise.

Com relação à conduta ética dos procedimentos metodológicos indispensáveis, por se tratar de uma pesquisa que envolveu seres humanos, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O trabalho também foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa em Seres Humanos e teve aprovação dessa instância sob número de parecer 4.793.328, respeitando os princípios da ética em pesquisa.

A GRANDE RODA

A título de resultados e discussão dessa pesquisa, carinhosamente intitulado de “a grande roda”, a análise foi dividida em três partes: são três gingados. No primeiro gingado, “Uma narrativa de si através da prática de capoeira”, foi apresentado o usuário mestre de capoeira e seu protagonismo como coordenador de um grupo que ocorreu no CAPS AD. Em seguida, no segundo gingado, “Gingando com a promoção da saúde”, foi apresentado pistas

que corrobora para apresentar a capoeira como dispositivo de promoção da saúde. E no terceiro gingado, “De qual gingado estamos falando?”, foi discutido a racialidade e a capoeira, por meio da articulação dos diários de bordo e a literatura.

Primeiro gingado: “uma narrativa de si através da prática de capoeira”

Esta narrativa elucida o deslocamento do modo de olhar a prática de capoeira por meio de uma experiência que ocorreu no CAPS AD, possibilitando aparições e ativações de corpos potentes para além do uso de substâncias psicoativas. Onde foi possível o deslocamento de um corpo permeado e sob a perspectiva apenas do uso de substâncias psicoativas para um corpo que entra em cena como usuário mestre de capoeira, que descreverei a brevemente a seguir.

Por meio das rodas de capoeiras que ocorriam no CAPS AD, movimentos básicos como a ginga, aprendizagem de instrumentos e, depois, apresentação do grupo no território e em outros serviços de saúde, foi se produzindo um gingado que foi se achegando, possibilitando aparições de diversos corpos entre os usuários, ativados por essas experiências. Particularmente o corpo de mestre de capoeira do usuário foi ganhando cada vez mais espaço e mais reconhecimento como coordenador dessa atividade no CAPS AD.

Mediante a prática de capoeira, foi possível transitar por diferentes espaços sociais, sair do estigma de usuários de substâncias psicoativas e ativar corpos capoeiristas, estar em contato com caminhos diferentes, viver novas experiências e ampliar as trocas sociais. A respeito da ampliação das trocas sociais, de acordo com Tykanori (2016), o estabelecimento de relações é que permite uma vida com maior autonomia. O autor destaca que o conviver, o fazer parte deve ser estabelecido por relações sustentadas nas trocas e nas negociações, permitindo aos sujeitos posicionarem-se diante das situações e fazer escolhas.

É importante destacar que o protagonismo do usuário mestre de capoeira e o deslocamento de um sujeito estigmatizado como apenas usuário crônico de álcool pela equipe de trabalhadores para a potência de coordenador de um grupo no CAPS AD foram possíveis pela movimentação da equipe para sustentar a ativação desse “outro” corpo desse usuário: um corpo que pode ativar sua potência capoeirista e gingar como coordenador de uma atividade ofertada no serviço.

Neste processo foi possível perceber e testemunhar como a capoeira ocupa um lugar que movimenta diferentes corpos a partir da roda, dos instrumentos, das músicas, da ginga, dos ritos, dos movimentos corporais de ataque, defesa, dando lugar a um gingado para além do uso de substâncias. Diante de importantes violências que vivenciou e ainda vive, o usuário mestre de capoeira pode tecer um gingado em que pouso e pertencimento se conjugam, produzindo, entre o vasto mundo e a vasta singularidade desse sujeito, um pedaço de mundo que seja próprio e que narra sua vida por meio da capoeira.

Segundo gingado: “gingando com a promoção da saúde”

No que se refere ao gingado da prática de capoeira e promoção de saúde enquanto proposta de cuidado para usuários dentro do CAPS AD, a pesquisa se apoiou no campo teórico que rompe com o modelo curativo e hospitalocêntrico de atenção à saúde. Se debruçando em uma concepção que valoriza os espaços coletivos de trocas de saberes e parte de um conceito ampliado de saúde que inclui o coletivo, o social, o político, o econômico e o cultural, como definem Iglesias e Dalbello-Araújo (2011).

Com atenção aos vínculos construídos por meio da capoeira e entendendo a importância deles como promoção de saúde, a postura de acolhimento às falas dos usuários durante o grupo de capoeira por parte de todos os participantes possibilitou a aparição de gingados delicados sobre as histórias dos usuários que frequentavam o grupo, assim como manejo entre os próprios participantes, compartilhando, acolhendo, reconhecendo-se entre o grupo. Nesse encontro de gingados, pelas narrativas contadas sobre suas histórias e trajetórias de vida, foi possível perceber a importância de escutá-los pela ativação de corpos capoeiristas e dar voz para os sofrimentos e as violências que enfrentam. Em diversos momentos desse jogo/ginga entre a capoeira e as narrativas, os usuários se acolhiam em cada relato, não apenas escutando, mas também opinando e trazendo suas experiências individuais para o coletivo por meio de gingas entre os corpos e palavras. A forma como os usuários trouxeram suas histórias de vida por um conjunto de fatores materiais e simbólicos demonstra como a capoeira pode ser uma prática potencializadora de cuidado.

Seguindo os gingados da promoção de saúde como deslocamento do olhar e a escuta dos profissionais da saúde da doença para os sujeitos em seu protagonismo e criação da própria vida, tal como proposto por Buss, Hartz, Pinto e Rocha (2020), que apontam outros modos de atenção à saúde, foi possível vivenciar o deslocamento de uma visão de usuários-problema para corpos que se ativam pela capoeira.

A capoeira nesse contexto, de acolhimento do grupo entre os participantes, de reviver memórias afetivas e tirar o foco do uso de substâncias teve importância fundamental para suscitar trocas sociais e protagonismo dos usuários, por possibilitar relações que não se assentam em formas hierarquizadas, mas sim na produção de trocas coletivas. Para isso, para construir de forma coletiva o protagonismo se faz necessário romper com a condição de usuário-objeto e atuar com práticas que produzam um usuário-ator, sujeito político, assim como aconteceu no grupo de capoeira no CAPS AD.

Nos corpos que sorriam, suavam, choravam, lembravam, caíam e levantavam, enfim, que se mostravam vivos, foi possível construir, a partir desses encontros de gingados, possibilidades de intervenções em saúde em uma perspectiva de participação e cidadania centrada nas relações. Isso também possibilitou criar espaços alternativos de atuação política e social que pudesse repercutir e produzir efeitos em outros sujeitos e grupos sociais.

Por meio de suas características multidimensionais, a capoeira mostrou-se com

singular potencial na promoção de saúde, seguindo a perspectiva de Iglesias e Dalbello-Araújo (2011), que descrevem promoção de saúde como intervenções construídas coletivamente no encontro, valorizando a troca de experiências e possibilidades de se relacionar.

Terceiro gingado: “de qual gingado estamos falando?”

Sendo uma resposta marcante e duradoura dada pela população negra ao sistema escravagista, desumano e cruel, De Sá Pinheiro e Leal (2022), descrevem a capoeira como herdeira da diáspora africana no Brasil. Ainda para esses autores, a capoeira é uma prática ancestral fruto de luta que teve sua origem nas senzalas e tornou-se uma das mais importantes manifestações afro-referenciadas de resistência da população que foi escravizada no Brasil colonial.

Em falas de diferentes usuários, a capoeira se mostrou como uma expressão de luta ancorada na matriz africana e que por meio do jogo e de sua musicalidade pode transmitir sua importância histórica, política e afro-referenciada. Para Amaral e Santos (2015), a capoeira, ao mesmo tempo que é uma importante fonte de denúncia de um passado cruel e violento que marcou a sociedade brasileira, permite também a reelaboração desse passado.

Os corpos que carregam malícia, movimentos bonitos, que se esquivam diante das violências cotidianas e que preservam a importância dos rituais – não só dentro das rodas de capoeira – mantêm por meio das músicas e lutas contra a opressão as formas de reflexão e reconhecimento da importância de manter vivas as práticas de expressões existencialmente negras.

Isso conflui com a ideia de Amaral e Santos (2015) de que se por um lado a população preta tinha seu corpo como maior patrimônio, seu meio de expressão, manutenção e reconstrução de suas práticas afro-referenciadas, por outro, hoje ainda é o fator determinante de violências, preconceitos e racismo. Diante disso, para Fanon (2020, p. 104), a ideia da negritude e o peso que foi atribuído a ela só aparecem no momento que nós brancos assim os determinamos: “Os negros, de um dia para o outro, passaram a ter dois sistemas de referência em relação aos quais era preciso se situar. Sua metafísica, ou, menos pretensiosamente, seus costumes e as instâncias às quais remetem foram abolidos, pois estavam em contradição com uma civilização que eles desconheciam e que lhes foi imposta.”

Seguindo a ideia da obra de Fanon (2020), podemos observar a destruição de sistemas de referência, uma vez que a população escravizada foi tirada de seus países de origem de forma forçada, separados de suas famílias, de seus costumes culturais, tiveram perdas de seus próprios nomes, sofrendo violações de suas integridades corpóreas, psíquicas e culturais.

Como sistema de referência, a capoeira no CAPS AD apareceu por meio das linguagens do corpo e da música, experiências que se transformaram em dança, movimento,

encontro, reconhecimento. Diferentes usuários que integraram o grupo contaram suas histórias e tiveram suas práticas afro-referenciadas enfocadas por meio da capoeira, sustentando que as músicas associadas ao ritual presente nas rodas de capoeira expressam justamente o reconhecimento de uma prática ancestral e de luta

ENCERRANDO A RODA: “ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM...”

Nesses atravessamentos, reconhecer meu lugar de privilégio enquanto mulher branca no mergulho da experiência desta pesquisa foi de extrema importância. Mas também, na ordem do encontro, ter o convite e a autorização dos usuários para falar disso me tornou parte desse grande gingado no CAPS AD. Minha experiência de vida em um corpo significado como branco é o ponto de partida, inevitavelmente para qualquer reflexão que eu fizer, no contexto de uma sociedade concretamente estruturada pela construção social de raça e que ainda reproduz de muitas formas o racismo e através de estruturas de poder.

O grupo de capoeira no CAPS AD foi protagonizado pela coordenação de um usuário mestre de capoeira autodeclarado negro e homens também autodeclarados negros. Porém, simultaneamente, fui acolhida e aceita como parte integrante do grupo. A partir da vivência com o grupo, passei a me perguntar: Como contribuir para a capoeira e o grupo, sem apropriar e sem protagonizar? Como um corpo branco, como poderia se dar minha participação na luta antirracista? Tudo isso com a intenção de utilizar dos recursos do mundo acadêmico para melhor entender meu lugar, de mulher branca e privilegiada pelo racismo, na luta antirracista em que esta pesquisa se desenrolou.

A título de conclusão, o encerramento desta grande roda deve reconhecer a processualidade e o movimento desta pesquisa e o trabalho também orientado pela perspectiva ética-política de cuidado em liberdade e territorial, buscando uma visão crítica da realidade em sua complexidade e possibilitando o desejo e o compromisso na direção de novas descobertas.

Nesse movimento processual que ocorreu, foi possível presenciar como o usuário mestre de capoeira, a partir de uma ativação do corpo mestre, pode ocupar um lugar para além de usuário crônico de álcool diante da equipe e até mesmo nos muros extra-CAPS, movimentando seu corpo diante de importantes violências que vivenciou e ainda vive em seu cotidiano. Nesse encontro de diferentes gingados, a capoeira no CAPS AD possibilitou que usuários pudessem vivenciar um resgate de suas expressões afro-referenciadas, experiências de relações com o outro, protagonismo e novos lugares de experimentação de si. A partir de pistas captadas ao longo dessa experiência foi possível testemunhar como a capoeira ocupou um lugar de potência na vida do usuário mestre de capoeira, deixando seu corpo em movimento a partir do gingado, das esquivas da vida, do ataque, da musicalidade, dos ritos, do toque firme do berimbau, da música que pode compor e da batida ritmada do atabaque. Como espaço de oferta de experiências, os encontros possibilitaram que o usuário mestre narrasse sua vida por meio da capoeira.

A capoeira como estratégia de cuidado e promoção de saúde nos serviços de saúde mental pode possibilitar a descentralização do poder do profissional técnico de saúde, que é um dos objetivos da desinstitucionalização, permitindo a mudança nas relações de poder. Em específico no CAPS AD em questão, foi possível vivenciar essa mudança nas relações de poder, uma vez que o grupo contou com a coordenação de um usuário mestre de capoeira. Nesse sentido, permitiu a todos os participantes, fundamentalmente aos usuários, um espaço de construção de um serviço em saúde que possibilite um cuidado coletivo e que tenha os usuários de fato como protagonistas de seus cuidados.

Por se tratar de uma prática que comporta múltiplos significados – podendo ser poesia, música, atividade corporal, espaço de troca, afetação, resistência, luta, e tantas outras coisas –, a partir da capoeira experiências são ressignificadas, histórias são narradas por meio dos diferentes corpos que gingam em roda. Pode vivenciar como pesquisadora o grupo respeitar as diferentes singularidades, possibilitando espaços de criação por meio do encontro com o outro, potencializando assim relações. Propondo um compromisso com o cuidar da saúde de sujeitos e coletivos e visando a outras formas de atenção à saúde, para além da ausência de doença ou do uso de substâncias psicoativas, ou seja, de um modelo higienista de cuidado em saúde, na perspectiva da ampliação de trocas sociais, a capoeira apresentou-se como uma estratégia necessária de promoção de saúde dentro do CAPS AD.

As experiências compartilhadas que contagiaram, transformaram e se conectaram deram espaço para diferentes corpos protagonizarem suas próprias histórias, corpos estes que muitas vezes são violentados e marginalizados por conta do racismo, preconceito e julgamentos morais. Nesse sentido, as diversas violências e exclusões historicamente operacionalizadas na sociedade impossibilitam a invenção de lugares em que ocorram experiências de trocas e relações com o outro, o que é fundamental no processo da reabilitação psicossocial.

Portando, a capoeira dentro dos serviços de saúde torna-se um dispositivo importante para que ocorram espaços que possam oferecer encontros e trocas com o outro. Essa prática se apresenta como diferentes formas de expressão e posicionamentos sociais, políticos e afetivos, configurando-se também como um espaço de aproximação de singularidades, pela mandinga e pela malícia que compõem essa grande roda.

11

REFERÊNCIAS

Alves, M. C., & Seminotti, N. A. (2006). O pequeno grupo "Oficina de Capoeira" no contexto da reforma psiquiátrica. *Saúde e Sociedade*, 15(1), 58-72. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902006000100007>

Almeida, J. D. (2020). As (im)possíveis relações entre a capoeira capixaba e o candomblé. *Revista Ágora*, 31(2), e-2020310210. <https://doi.org/10.47456/e-2020310210>

Vallado, S., & Liberman, F. (2024). A prática da capoeira em um CAPS AD: um relato de pesquisa. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 3, e024002.

Amaral, M. G. T. do., & Santos, V. S. dos. (2015). Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (62), 54–73. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p54-73>

Brasil. (2001). Presidência da República. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da República do Brasil*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm.

Brasil. Ministério da Saúde. (2002a). Portaria GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. *Diário Oficial da União*. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html

Brasil. Ministério da Saúde. (2002b). Portaria GM nº 816, de 30 de abril de 2002. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde, o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Álcool e Outras Drogas, a ser desenvolvido de forma articulada pelo Ministério da Saúde e pelas Secretarias de Saúde dos estados, Distrito Federal e municípios. http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0816_30_04_2002.html

12

Buss, P. M., Hartz, Z. M. de A., Pinto, L. F., & Rocha, C. M. F. (2020). Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(12), 4723–4735. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.15902020>

Cruz Chiabotto, C. D., Sastro Nunes, I., & Prado Aguiar, K. S. (2022). Contrarreforma psiquiátrica e seus reflexos no cuidado ao usuário e à família. *Em Pauta*, 20(49). <https://doi.org/10.12957/rep.2022.63478>

De Sá Pinheiro, L. V., & Leal, A. D. C. B. (2022). Entra na roda e ginga: a cultura da capoeira e as implicações organizacionais. *Administração de Empresas em Revista*, 4(30), 353. <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/326>

Domingues, A. R., & de Azevedo, A. B. (2019). A escrita comum como dispositivo na formação em saúde. *Mnemosine*, 15(1). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/45971>

Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. (Sebastião Nascimento, Trad.). Ubu.

Vallado, S., & Liberman, F. (2024). A prática da capoeira em um CAPS AD: um relato de pesquisa. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 3, e024002.

Iglesias, A., & Dalbello-Araújo, M. (2011). As concepções de promoção da saúde e suas implicações. *Caderno Saúde Coletiva*, 19(3), 291-298.

Maximino, C., & Almeida, M. E. P. (2023). A redução de danos como uma ética do cuidado: uma revisão narrativa. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 2, e023008. <https://doi.org/10.59099/prpub.2023.32>

Kastrup, V. (2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 15–22. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100003>

Passos, E., & Barros, R. B. (2015). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escossia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 17-31). Sulina.

Tykanori, R. (2016). Contratualidade e reabilitação psicossocial. In A. M. Pitta (Org.), *Reabilitação psicossocial no Brasil* (4a ed., pp. 55-59). Hucitec.

Recebido em: 29/03/2024

Reapresentado em: 20/06/2024

Aprovado em: 29/07/2024

13

SOBRE AS AUTORAS

Stefania Vallado é Terapeuta Ocupacional. Pós-Graduada em Saúde Mental pelo Programa de Aprimoramento Profissional na Área da Saúde, do Centro de Atenção Psicossocial - Caps Itapeva. Especialista em Gestão em Saúde Pública. Mestre em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente Docente Substituta do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista.

Flavia Liberman é Terapeuta Ocupacional pela Universidade de São Paulo e Mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade no Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP e Pós-Doutora pelo Centro de Pesquisa História da Arte e Intervenção Artística pela Universidade de Évora, Portugal. Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista.